

**ÁLVARO BOMÍLCAR NO ALMANACK CORUMBAENSE:
PRENÚNCIO EM DEFESA DE UM PORTUGUÊS BRASILEIRO
– USO DE CLÍTICOS**

Eliane Santos Paulino (UEMS)

eli14santos@hotmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com.br

RESUMO

Em 1898, a “Terra Mattogrossense”, em particular, testemunhou a criação do *Almanack Corumbaense*. Dentre os colaboradores, destacou-se Álvaro Bomílcar, com cinco publicações, textos de gêneros distintos; mas com um mesmo aspecto: a linguagem simples que, comparada a outras do citado *Almanack*, revela, em sua peculiar produção, uma língua mais brasileira. Para o autor, era preciso construir a nossa nacionalidade: “no Brasil, não se fala o português, fala-se o brasileiro, com sintaxe, prosódia, estilo e vocabulário brasileiros”, conforme (OLIVEIRA, 1990, p. 193). Diante de tal anúncio, torna-se essencial analisar as evidências de um “português brasileiro” em sua produção no citado *Almanack*. O estudo escolhido privilegiará a posição dos clíticos *me* e *lhe* – antes de verbos, sem aativos – no soneto “Amor Póstumo”, evidenciando o uso de próclise e comprovando o prenúncio do português brasileiro com o português europeu no período pseudoetimológico da ortografia portuguesa.

Palavras-chave: Período pseudoetimológico. Clíticos. Português brasileiro.

1. Introdução

“É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, grau de escolaridade” (CALLOU & LEITE, 2002), na produção textual de Álvaro Bomílcar, no *Almanack Corumbaense*, não é diferente.

Assim, lançar Álvaro Bomílcar e suas atividades precursoras no universo da sociolinguística é um empreendimento “quixotesco”; no entanto, como ensina Labov (MONTEIRO, 2002) fazer ciência é tentar conhecer aquilo que não se conhece, evidenciando a necessidade da “sensibilidade” e perspicácia para contornar desafios e obstáculos.

Usando os princípios metodológicos de Koerner (1996) serão analisadas as relações contextuais e estabelecidas as práticas para análise comparativa do texto de Bomílcar no *Almanack Corumbaense*. Tal apoio dar-se-á na metodologia oferecida pela historiografia linguística e nas re-

ferências históricas do próprio *corpus* e por se tratar do período pseudo-etimológico, Coutinho (2011) e Ribeiro (1836) subsidiarão as explicações gramaticais no citado processo linguístico.

Esquemáticamente, o estudo ultrapassará o contexto linguístico, buscando respaldo em Oliveira (1990) que justifica a adesão de Bomfílcar a um projeto de cunho nacionalista. Percebe-se nisto um deslocamento da pesquisa para o âmbito histórico, sem a intenção de deixar a perspectiva sociolinguística, visto que só é possível explicar tal propósito a partir da análise sugerida.

Tal estudo recairá também na obra “*O Preconceito de Raça no Brasil*” (1916) de Álvaro Bomfílcar que servirá de aporte para justificar sua influência nativista descrita nos “mandamentos do Patriota Brasileiro”, divulgados pela revista *Gil Blas* (1920). No reforço à pesquisa de âmbito histórico cultural, vale ressaltar, a importância de Nascimento (2011, p. 3):

As mudanças sociais fundamentam-se no contexto histórico e estão correlacionadas às mudanças que ocorrem na língua. A historiografia linguística parte do princípio de que a língua, enquanto produto histórico-cultural torna-se simultaneamente veículo e expressão de dados socioculturais que pressupõem um olhar histórico.

Utilizando como *corpus* o *Almanack Corumbaense*, pretende-se investigar – em fragmentos de um soneto –, à luz da historiografia linguística, a produção textual do jornalista Álvaro Bomfílcar, por este se destacar no percurso histórico de movimentos linguísticos posteriores a 1898, em defesa de uma língua nacional.

2. O Almanack Corumbaense

Com edição do historiador e geógrafo Ricardo D'Elia e redação dos jornalistas Pedro Trouy e Álvaro Bomfílcar, ao estilo almanaque da época, o periódico apresenta propagandas, charadas, calendário, piadas, produções literárias, atividades econômicas e informações sobre a cidade.

O contexto é o município, então “Mattogrossense” de Corumbá, descrita no *Almanack* como “principal cidade de Matto-Grosso” e detentora de “excellente instituição instrutiva: o Gabinete de Leitura Corumbaense, onde se encontram innumerous tratados scientificos e grande subsidio literário” (p. XIV). A valorização da produção literária é anunciada também na “ligeira estatística”, com “3 typographias. Os autores da cita-

da publicação esclarecem que foi uma “luminosa idéia de apresentar ao publico do Brazil, uma publicação de propaganda tão necessaria e tão util” (p. XV).

Sobre a influência do ambiente, Callou e Leite (2002, p. 12) esclarecem que a ideia de “unidade na diversidade e diversidade na unidade é o ponto central da questão sobre o português do Brasil”; com isso, destacar o município corumbaense, em seu domínio territorial e contexto sociocultural, é esclarecer como as dimensões geográficas surtiram efeito no plano linguístico a ser estudado, evidenciando suas marcas no *Almanack Corumbaense*.

Quanto à temporalidade, o ano é 1898, dezembro: sendo a publicação destinada ao ano seguinte: 1899. Conforme nota do editor, o periódico devia ter sido apresentado “há mais tempo”, dada a relevância da cidade à época mencionada. No Expediente, são relatadas as dificuldades para tal edição: “a exiguidade de tempo, a imperfeição das nossas officinas, ainda pequenas e sem aparelhos precisos (...) primeira vez a braços com semelhante obra” (p. 99), o que evidencia o caráter inovador da publicação.

3. *Corpus e Corpora: do Almanack Corumbaense à defesa de uma língua brasileira*

O *Almanack Corumbaense* funcionará como um conjunto significativo documental de variantes linguísticas e servirá de base para o desenvolvimento do estudo. Dele, será analisado o soneto “Amor Póstumo”, datado de 1893, com destaque aos versos marcados pela distinção de padrões da linguagem, na busca de indícios de uma língua brasileira em uma perspectiva diacrônica.

Para cumprir tal propósito, é essencial desenvolver uma análise, levando em consideração a posição dos clíticos *me* e *lhe*, ora seguindo o padrão luso, ora reforçando o anúncio de “incorreção”, conforme Coutinho (2001, p. 335):

Os gramáticos brasileiros, secundando os seus colegas de Portugal, anatematizam essas práticas, tachando-as de ironias graves. Verdadeiros solecismos. Daí o cuidado de nossos escritores (...) No Brasil, então, assume as proporções de verdadeira calamidade. O literato, acoimado de incorreto entre nós, às vezes, por um simples descuido de colocação dos pronomes, encontrará sempre cerrada a porta que poderia conduzi-lo à glória da popularidade. Depois de leve cochilo gramatical, todas as boas qualidades *lhe* são negadas.

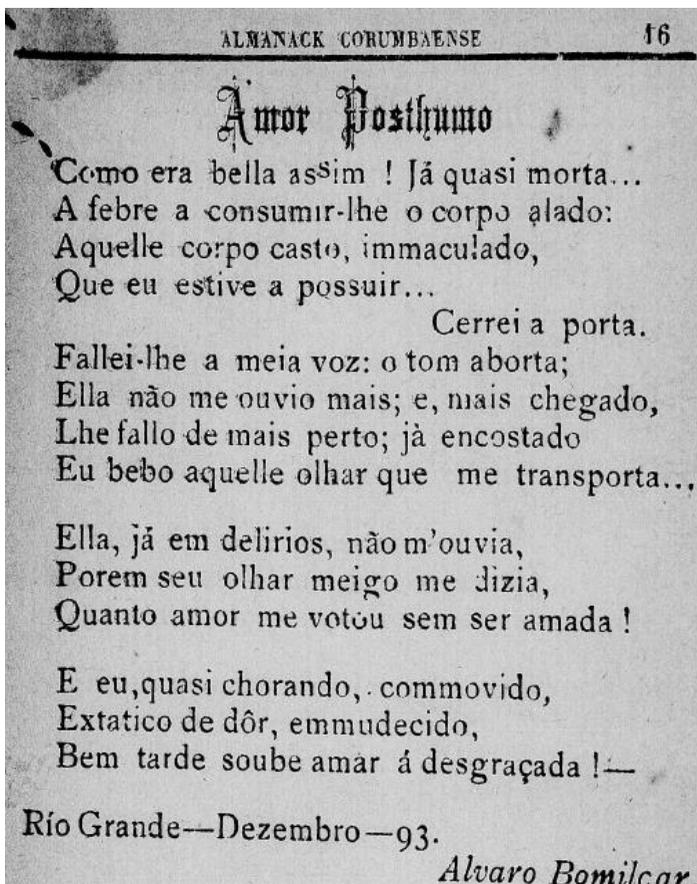


Fig.1 – Fonte: *Almanack Corumbaense* (1898)

Igualmente, já na década de 1820, como demonstra Pinto (1978), é possível assistir às primeiras manifestações sobre a natureza do português no Brasil, quando Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pedra Branca, faz menção ao “idioma brasileiro” e aponta diferenças entre o português do Brasil e o português de Portugal.

A inserção de outros *corpora* ao estudo permite justificar o aspecto revolucionário do projeto nacionalista de Bomilcar e sua preferência por uma linguagem capaz de identificá-lo como brasileiro. Tal procedimento é apreciado em Callou e Leite (2002, p. 7):

A linguagem também oferece pistas que permitem dizer se o locutor é

homem ou mulher, se é jovem ou idoso, se tem curso primário, universitário ou se é iletrado. E, por ser parâmetro que permite classificar o indivíduo de acordo com sua nacionalidade e naturalidade.

Assim, explicar o citado fenômeno linguístico implica, pois, perceber a quebra na linguagem e denotar que as variações são peculiares ao contato da língua com o ambiente.

4. Bomilcar: prenúncios da defesa de uma língua brasileira: uso dos clíticos

Analisar a posição dos clíticos nos versos de Bomilcar é evidenciar um padrão distinto do usual da época e, ao mesmo tempo, inteirar-se de sua atuação dele como precursor em um movimento posterior de reivindicação nacional em defesa da linguagem própria.

Em *Amor Póstumo* (p. 16), identificam-se traços de uma linguagem próxima ao coloquialismo, tendência defendida posteriormente, a saber: “*Lhe* fallo de mais perto; já encostado” (v. 7). Tal construção sintática, em relação ao pronome *lhe* no início da frase, é negada por Ribeiro (1881, p. 247), seu contemporâneo, na *Grammatica Portuguesa*, ao afirmar: “O pronome em relação objetiva nunca deve começar sentença. Seria incorreto dizer: Me querem lá; Te vejo sempre; Vos ofereço; Lhe digo; Nos parece; Vos oferece”.

Mais duas construções apresentam, segundo o gramático, distorções quanto ao uso do pronome: “Porém seu olhar *me* dizia” (v. 10) e “Quanto amor *me* votou sem ser amada” (v. 11); ao que Ribeiro (1881, p. 116) adverte: “Os pronomes substantivos, em suas formas *o, a, os, as, me, te, se, lhe, nos, vos, lhes* são denominados enclíticos, uma vez que sempre se acostam ao verbo, depois do qual vêm: Viu-a; Dizem-me”.

Consoante à ideia de Ribeiro, Coutinho (2011, p. 335), estabelecendo diferença entre os padrões de escrita, enfatiza: “Nas camadas populares, porém, onde não se conhecem as leis da gramática, as discordâncias neste ponto são patentes. Enumeremos as principais: a) a colocação irregular dos pronomes oblíquos: Me disseram, não dou-te”.

Sobre a própria linguagem, posteriormente, Bomilcar (1920, p. 19) explica para quem escreveu:

Escrevo pensando nos párias desclassificados nacionais, vadios e ociosos, ex-praças das corporações armadas, pescadores e pequenos diaristas rurais.

Aqueles que estão fora do ambiente convencional e livresco dos gabinetes e academias.

Tal ação é defendida, em sua publicação posterior *O Preconceito de raça no Brasil* (1920, p. 87), na qual o autor crítica o culto exagerado a Portugal:

No Brasil rende-se um culto exagerado a Portugal. Que somos uma colônia de lusitanos, tudo está a indicar, desde a nossa prevenção contra os estrangeiros de outras origens, até a nossa intolerância e hostilidade aos próprios brasileiros que têm a infelicidade de descenderem mais proximamente dos negros e dos espoliados indígenas. Só se encontram surtos de progresso e reais manifestações de cultura nos quatro Estados do sul - precisamente naqueles em que a influência portuguesa é nula.

Para tal fenômeno linguístico, há explicação: Domingos Borges de Barros, o Visconde de Pena Branca (1826), *apud* Coutinho (2011, p. 337) define como “brasileirismos” os modismos “exclusivamente nossos”, uma espécie de “adaptação e uso quotidiano no idioma do meio brasileiro” em relação à linguagem de Portugal. No entanto, Ribeiro (1930) *apud* Coutinho (2011, p. 338) justifica tal ocorrência como falso brasileiro e seu uso à reincidência de um arcaísmo:

Nesse chamado erro de anteposição pronominal, tão característico do português do Brasil, seguimos, aliás, uma corrente arcaica e profunda que havia extirpado da língua todos os esdrúxulos todas ou quase todas as palavras dactílicas⁶⁶ do italiano e do latim, renovadas depois de um pouco pedantescamente, pelos letrados do Renascimento.

Sobre os “brasileirismos”, vale destacar, o entendimento de Bomilcar e, ainda, sua proposta nativista descrita nos “Mandamentos do Patriota Brasileiro”, divulgados pela revista *Gil Blas* (1920), *apud* Oliveira (1990, p. 155): “12 – Falar e escrever em língua brasileira, isto é, em português modificado pelos brasileiroismos e locuções da numerosa população brasileira já incorporados ao nosso patriotismo linguístico”.

Assim se vê estabelecida uma relação direta entre as concepções de Bomilcar e os parâmetros para classificação de contextos gramaticais distintos: “brasileirismos” e lusos. Esses indícios no *Almanack Corumbense* antecipa a quebra na imposição linguística, classificada por Couto (1986, p. 14) como “distorção especial”.

⁶⁶ Arranjo de sílabas longas e breves dado aos poemas.

5. Conclusão

O estudo da posição dos clíticos no *Almanack Corumbaense*, como quebra de parâmetro gramatical da época, só reforça a necessidade do estudo da historiografia linguística desse citado contexto para que as peculiaridades da nossa língua sejam desvendadas.

Ademais, ampliar contextos na busca pela ênfase ao citado período e seu caráter precursor é essencial. Afinal, mesmo com a restrição documental de 1989, foi possível estabelecer convenções que, certamente, exigem aprofundamentos posteriores, no sentido de revelar as inúmeras facetas da proposta de cunho nacionalista do citado autor.

Assim, estudar a participação de Bomilcar sem o apego à gramática normativa é encontrar muitas formas de refletir sobre o português brasileiro. É uma oportunidade para inteirar-se de um processo de formação da língua em contexto, até então pouco evidenciado; por fim, é participar de uma descoberta, de cunho histórico, que gerará expressiva contribuição à sociolinguística.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMANACK Corumbaense. Corumbá: Typ. Italiana, 1898.

BOMILCAR, Álvaro. *A política no Brasil ou o nacionalismo radical*. Rio de Janeiro: Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

_____. *O preconceito de raça no Brasil*. Rio de Janeiro: Typ. Aurora, 1916

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.

COUTO, Hildo Honório. *O que é o português brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

KOERNER, Konrad. Questões que persistem em historiografia linguística. *Revista da ANPOLL*, n. 2, 1996.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Lúci Lippi. *A questão nacional na primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RIBEIRO, Júlio. *Grammatica portugueza*. São Paulo: Jorge Seckler, 1881.